

# *Paul Gilroy e a Black Britain: a figuração-performativa da narrativa e a escrita antirracista da história*

*Paul Gilroy and 'the Black Britain': the figuration-performative of narrative and the writing of antiracist history*

GONZAGA, Gabriel\*

<https://orcid.org/0000-0003-0267-7675> 

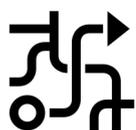
**RESUMO:** Este artigo procura investigar a imaginação histórica de Paul Gilroy, que diz respeito às formas estéticas em que o/a historiador/a constrói o passado antes de explicá-lo por instrumentos conceituais. Através da teoria da performatividade da figuração da narrativa histórica, proposta por Maria Inês La Greca, analisa-se as disputas narrativas que envolvem a obra de Gilroy articuladas ao contexto político racial do Reino Unido na segunda metade do século XX. Por esta perspectiva pragmática, procura-se pensar as estratégias de Gilroy no enfrentamento do racismo britânico, que acabam influenciando seu conceito de diáspora. Ao longo do texto, questiona-se quais refigurações narrativas e performances textuais Gilroy realizou e se é possível pensar uma prática historiográfica antirracista em sua obra.

**Palavras-chave:** Paul Gilroy; Diáspora; Narrativa Histórica

**ABSTRACT:** This paper seeks to investigate the historical imagination of Paul Gilroy, that concerns to aesthetic forms in which the historian build the past before explain it through conceptual instruments. Through the theory of the performativity of the figuration of the historical narrative, proposed by Maria Inês La Greca, it analyzes the narrative dispute involving the Gilroy's works articulated to racial political context in United Kingdom in the second half of 20<sup>th</sup> century. By this pragmatic perspective, it seeks think the strategies of Gilroy in the confront to british racism, that finished influencing his concept of diaspora. Throughout the text, wonders about which narrative refigurations and textual performances Gilroy realized and if it is possible think a antiracist historiographic practice in his work.

**KeyWords:** Paul Gilroy; Diaspora; Historical Narrative

\* Mestre em História pela UFRGS. E-mail: [gabrielgonzaga93@hotmail.com](mailto:gabrielgonzaga93@hotmail.com)



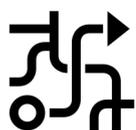
## INTRODUÇÃO

As universidades brasileiras vivem um novo momento histórico após a conquista das ações afirmativas. O ingresso em massa de pessoas das classes mais baixas da sociedade e de diferentes marcações raciais combinou-se com a demanda por outras historicidades que não se satisfazem mais com as abordagens tradicionais das ciências humanas. De modo geral, cresce a exigência para que o conhecimento em humanidades possa responder a questões mais próximas de experiências destes sujeitos emergentes – negros/as, LGBTQ+, mulheres, povos originários, imigrantes, etc. Houve um grande debate que avaliou como a historiografia ocidental tem replicado situações de crise decorrentes da corrosão das alianças oitocentistas entre a disciplina histórica e o Estado-nação (ÁVILA, 2018; MUDROVICIC, 2012). Estes/as autores/as costumam afirmar que a disciplina histórica é resultado de um contexto específico no século XIX, quando ficou responsável por produzir um “passado comum” para as comunidades imaginadas nacionais. Com as mudanças globais entre o fim do século XX e começo do XXI, incluindo-se a permeabilidade das antigas fronteiras, estas condições se transformaram e a historiografia acadêmica expressa consequências em reavaliações críticas de vários dos seus pressupostos disciplinares.

É notável o crescimento da bibliografia pós-colonial, decolonial, afrocentrista e diaspórica nas humanidades como um resultante disto. Estas correntes costumam afirmar que as ciências humanas participaram ativamente da colonização ao disponibilizarem as ferramentas epistemológicas pelas quais os povos colonizados foram representados como inferiores, atrasados, sem história, presos ao passado do Ocidente como “primitivos” (FABIAN, 2005). Disto resulta que estas disciplinas são constituídas por um traço de “colonialidade” (QUIJANO, 2000, 2006), fundadas em práticas metodológicas e tradições teóricas que relegam estes povos e suas “tradições de raciocínio” – um termo de Sanjay Seth (2013) – a espaços secundários. Recentemente algumas reflexões no campo da Teoria da História e História da Historiografia têm esboçado a entrada destas problemáticas para preocupações historiográficas (DOS SANTOS, et al., 2017; BARBOSA, 2018; TRAPP, 2019). Neste artigo proponho analisar a imaginação histórica de Paul Gilroy<sup>1</sup> como uma contribuição a este debate sobre a questão da descolonização do conhecimento histórico.

---

<sup>1</sup> Paul Gilroy é um intelectual afro-britânico londrino, filho da romancista negra guianesa Beryl Gilroy. Ao longo dos anos 80, Gilroy trabalhou com questões de raça e racismo no Reino Unido, sendo pesquisador do *Greater London Council* (agência governamental dedicado às questões raciais em Londres) e do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), sob a tutoria de Stuart Hall. Gilroy atuou como professor-pesquisador em diversas

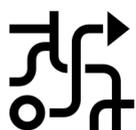


Por imaginação histórica, compreendo uma linha de investigação que, segundo Hayden White (1995), versa sobre a imagem que o/a historiador/a constrói sobre seu objeto, o passado histórico compreendido em modalidades específicas, seja uma sequência de acontecimentos ou um estado de coisas passadas, a fim significá-lo e, a partir de instrumentos conceituais específicos, explicá-lo. Intelectual negro e britânico, geralmente vinculado ao marxismo, ao pós-colonialismo e à filosofia da diáspora, Gilroy significa uma oportunidade pela qual pensar os impactos das narrativas negras em nossas concepções de história e da prática historiadora. Sua trajetória está vinculada aos Estudos Culturais desenvolvidos no *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Birmingham e ao seu engajamento com as tradições intelectuais dos *Black Studies* e das correntes pan-africanistas, principalmente anglófonas, tradições estas envolvidas nas lutas contra a escravidão, o colonialismo e os regimes de terror racial no Ocidente. Ao longo dos anos 90, Gilroy alcançou notoriedade com a publicação *The Black Atlantic* (2012 [1993]), onde apresentou sua proposta de anexar ao evento da diáspora africana um componente imaginativo, o Atlântico negro, caracterizado como as formas pelas quais os conteúdos das histórias negras poderão alcançar a qualidade de histórias transnacionais ou globais e assim superar tanto o reducionismo da perspectiva nacional quanto a obsessão pelas particularidades étnicas e raciais. A popularização deste trabalho, traduzido no mundo inteiro, cativou audiências em espaços acadêmicos das humanidades e em círculos e debates de movimentos sociais. Após este marco em sua biografia, seus demais trabalhos seguiram um tom intervencionista e utópico direcionado à possibilidade de uma visão de mundo e uma escrita da história negra que não reservem espaços para qualquer ideia de raça

Aplicarei à obra de Paul Gilroy instrumentos analíticos e interpretativos comuns ao campo da História da Historiografia, procurando tensioná-los com uma abordagem ligada à teoria crítica pós-colonial. Avaliarei as formas narrativas de Gilroy implicadas ao seu lugar social (CERTEAU, 2010), no qual ele disputa uma cultura histórica (GUIMARÃES, 2005). Com isso, sugiro uma perspectiva pragmática sobre a narrativa histórica tanto como uma exigência da tarefa de descolonização epistêmica, quanto como meio de realizar leituras mais profícuas do pós/decolonialismo. Sigo as sugestões da historiadora argentina Maria

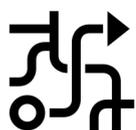
---

universidades no Reino Unido – *London's South Bank Polytechnic*, *Essex University* e *Goldsmiths University of London* – e como professor visitante em universidades de vários países, como nos Estados Unidos – *Yale University* e *Harvard University* – e no Brasil – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Hoje, aos 64 anos, Gilroy acumula prêmios acadêmicos no mundo inteiro, sendo diretor e fundador do *Sarah Parker Remond Centre for the Study of Racism and Racialisation*, além de ser casado com Vron Ware, teórica e pesquisadora dos estudos em branquitude. Para mais informações biográficas e bibliográficas sobre Paul Gilroy, ver Paul Williams (2013).



Inês La Greca, que entende o debate histórico como mais que uma questão de datas ou apenas sobre o registro, mas sim sobre a questão da agência narrativa, ou seja, “a força intencional e motora da mudança histórica, e a concepção da posição do protagonista narrativo, em distintos relatos” (LA GRECA, 2013, p. 234). La Greca combina a teoria da performance de gênero de Judith Butler com a problemática da narrativa em Hayden White. A autora pede que comparemos a condição da narrativa histórica com a da identidade de gênero, de modo que ambos sejam compreendidos como uma repetição estilizada de atos constituídos como efeito de um discurso que se diz verdadeiro (BUTLER, 2017, p. 235-236). Sendo assim, dotar o passado de sentido deve ser entendido como uma tarefa de caráter público e com consequências regulativas e punitivas. Em outras palavras, assim como o gênero, a narrativa histórica, por não ser apenas expressiva mas também performativa, constitui efetivamente aquilo que pretensamente revelaria. Ela apresenta um duplo caráter, livre e condicionado, que possibilita e limita a agência do/a historiador/a.

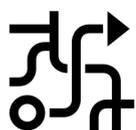
Pensando a teoria da performatividade da figuração da narrativa histórica de La Greca para as questões postas pelo pós-colonialismo, é possível afirmar que os/as autores/as destas correntes têm denunciado que os pressupostos epistêmicos da história profissional buscam tutelar outras possibilidades de historicidades. Uma premissa da abordagem pós-colonial é que a escrita da história durante muito tempo se guiou por um tempo vazio e homogêneo em suas alianças políticas com os projetos de homogeneização dos Estados-nações e dos impérios. Assim, os/as historiadores/as se acostumaram a operar a partir de uma concepção de tempo linear, homogêneo e unidirecional, da ode iluminista ao progresso e à razão. Para Mario Rufer (2010), concepções de verdade científica, objetividade e neutralidade serviram para que a historiografia negasse que as noções temporais que sustentavam suas análises eram noções políticas. Com isso, a historicidade de povos subalternizados foi compreendida pelo tempo do “ainda não”, em que o presente é entendido como uma transição e o futuro como repetição da história do sujeito europeu, o que Dipesh Chakrabarty chama de “Europa hiper-real” (2008, p.75-80). Os/as intelectuais/as pós-coloniais advogam uma repolitização do conhecimento histórico como meio de reinscrever a agência dos sujeitos subalternizados. Trata-se de desmontar a universalidade do agente mítico do humanismo exposta por Sanjay Seth – o Homem entendido como causa, e não como efeito da história, entre outras práticas representacionistas (SETH, 2013, p. 181-182). A própria história é um conhecimento contingente e temporário, além de político e prático.



Esta faculdade política é algo que quero destacar na imaginação histórica de Paul Gilroy a partir da temática da *Black Britain*, onde pode-se observar as questões práticas que associam seu pensamento à constituição de vidas negras no Reino Unido na metade do século XX, à luta contra o racismo britânico e às inovações culturais da diáspora africana. Entendo a *Black Britain* como um conjunto de narrativas, partes de uma cultura histórica específica, que disputam entre si as formas pelas quais conceber a presença negra e seu impulso consequente a uma sociedade pós-colonial, multicultural e cosmopolita. Esta temática servirá para enfatizar as figurações e performances da história deste evento como atos políticos e públicos. Procuo demonstrar que Gilroy aborda o passado pensando principalmente em suas capacidades de desvalidar a força do racismo sobre as vidas de pessoas negras. Examinarei a disputa de Paul Gilroy em torno das narrativas sobre a *Black Britain* argumentando que seu conceito de história se guia por uma escrita figurativa-performativa, com um viés utópico e orientada ao campo prático. No decorrer deste texto, proponho algumas questões: é possível pensar o conceito de história de Gilroy através de sua inserção em um contexto político e cultural britânico? Que relações este contexto guarda com o conceito de diáspora popularizado em sua obra? Que tipo de refigurações seus textos a respeito da *Black Britain* apresentam à história britânica? E que tipo de performances? E, principalmente, é possível pensar uma prática historiográfica antirracista em Gilroy?

## RAÇA E RACISMO NO REINO UNIDO

Os trabalhos de Paul Gilroy produzidos durante seu tempo no grupo de pesquisa *Race and Politics* do CCCS são os primeiros lugares em que observo seus vínculos com questões práticas envolvendo a *Black Britain*. Neles há uma dupla disputa que se expande por toda sua obra: de um lado, o conflito com a esquerda e a literatura marxista que lhes são contemporâneas, principalmente a respeito do modelo de análise das lutas de classe e das transformações estruturais políticas e econômicas; de outro, um confronto com as formas de historicização do presente e do passado, que lhes apareciam como um campo de batalha pelo qual passaria decisivamente o futuro das populações imigrantes. Primeiramente, essas disputas envolvem um tipo de distensão no materialismo histórico dialético produzido dentro do CCCS e do marxismo negro, principalmente acerca das caracterizações dos níveis da infraestrutura e da superestrutura. Trata-se do problema sobre onde posicionar a raça



no processo histórico, bem anunciado por Frantz Fanon: “nas colônias, a infraestrutura econômica é também superestrutura. A causa é consequência: alguém é rico porque é branco, alguém é branco porque é rico” (2005, p. 56). Stuart Hall (2013), um dos tutores de Gilroy no CCCS, avaliava que o reducionismo econômico era um problema intrínseco à compreensão do relacionamento entre sociedade, economia e cultura na teoria marxista. Para Gilroy, a redução da raça como simples efeito das transformações da base econômica e subsidiária das lutas de classe terminava por afastar não apenas a historicidade das “ordens raciais” - compreendidas como “verdades discursivas” - mas também a das próprias vidas negras, uma vez que tentavam subordinar as organizações independentes negras à classe trabalhadora unificada e suas instituições políticas representativas (1987, p. 18). Suas críticas à bibliografia marxista objetivam o restabelecimento da propriedade histórica da raça e da historicidade de pessoas negras.

Outras disputas envolvem refigurações do passado histórico que surgiram durante o período do pós-guerra no Reino Unido, sob as ruínas do bombardeio de Londres durante a Segunda Guerra Mundial, em meio aos esforços de reconstrução, o racionamento de alimentos e o declínio geopolítico após o fim do Império. Elas fizeram parte de um esforço orquestrado para restaurar o orgulho da identidade britânica idealizando-a como herdeira da heroica vitória sobre os/as nazistas. Esse momento também é marcado pelos movimentos anti-imigração e pelo ressurgimento de movimentos fascistas e supremacistas brancos. Na década de 1970, se inicia uma diminuição drástica no fluxo imigratório para o Reino Unido após legislações restritivas em 1962, 1968 e 1971. Nesse período há um crescimento do conservadorismo por meio de grupos neofascistas e partidos neonacionalistas, como o *British National Front*, além da vitória eleitoral de Margareth Thatcher. Estes anos também são impactados por uma crise econômica que iniciou o desmanche do Estado de Bem-Estar Social e o processo de desindustrialização (DWORKIN, 2014, p. 36; FREYER, 2010). Em *Empire Strikes Back* (2005 [1982]), publicação coletiva do grupo de *Race and Politics*, Gilroy e seus companheiros analisam os discursos políticos recorrentes nesses anos e argumentam que as refigurações da ideia de nação neste momento uniram-se às caracterizações tipicamente raciais passando a figurar tanto no populismo nacionalista quanto nas políticas de Estado sobre as populações negras. Assim, o que seria uma “crise orgânica do capitalismo britânico”, após a perda das colônias e a crise do petróleo em 1973, é compreendida como um declínio racial, uma crise da identidade nacional britânica, cujos/as principais culpados/as seriam os/as imigrantes pós-coloniais, que seriam incompatíveis com os modos de vida britânico. A nação é frequentemente caracterizada como “doente”, vítima de “inimigos

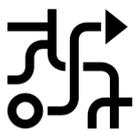


internos”, uma categoria na qual são alocados diversos grupos majoritariamente negros: imigrantes ilegais, jovens, militantes, desempregados/as, além de algumas pessoas brancas chamadas de “traidoras” por se posicionarem como antirracistas ou antifascistas. Debates e medidas políticas em torno dos problemas socioeconômicos são “racializados”: “[...] race is always present, whether the issue under discussion is the growth of unemployment, the role of the police in inner-city areas, or the recent ‘riots’ in a number of major cities” (CENTRE, 2005, p. 25).

Neste momento, Paul Gilroy procura explicar o campo histórico como uma reordenação das forças político-econômicas internas a partir da luta dos/as negros/as contra os padrões de dominação racial. Seu objetivo nesses primeiros trabalhos é fornecer uma historicização alternativa do presente a partir da contextualização dos tipos de conflitos que o compõem – por essa prerrogativa, a análise recorre a ênfases nas rupturas da época, em caracterizações baseadas em contingências e em uma perspectiva processual. Através desta tríade, esses textos sugerem análises históricas sobre raça e racismo avaliando uma reconfiguração da ordem de verdade racial após o processo de descolonização e após as imigrações caribenhas e asiáticas para o Reino Unido. O racismo passa do foco no fenótipo e na biologia para uma ênfase na cultura. Para Gilroy, essas transformações levam a compreensões essencialistas das diferenças étnicas e nacionais, uma vez que elas passam a ser entendidas como mutualmente incompatíveis. Em *There Ain't no Black in the Union Jack* (1987) (a versão publicada de sua tese de Ph.D no CCCS), ele sugere chamar esta associação discursiva entre raça, nação e identidade de “absolutismo étnico”. Por esse termo, Gilroy se refere a padrões específicos de racismo e etnicidade em que a britanidade e a identidade nacional inglesa são entendidas como sinônimos de ser branco/a:

The emphasis on culture allows nation and race to fuse. Nationalism and racism become so closely identified that to speak of the nation is to speak automatically exclusive terms. Blackness and Englishness are constructed as incompatible, mutually exclusive identities. To speak of the British or English people is to speak of *white* people. (1993, p. 27-28)

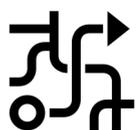
Stuart Hall nomeia este processo de “racialização da etnicidade”, ou seja, o modo como a diferença cultural adquire um significado mais violento, politizado e contestatório. Em suas palavras, o absolutismo étnico não significa o abandono completo dos significantes raciais do XIX - do fetiche da negrura -, mas uma perspectiva que reconhece “a forma pela qual, em sua estrutura discursiva, o racismo biológico e a discriminação cultural são articulados e combinados” (2013, p. 80). Os artigos de Gilroy em *Empire Strikes Back* (1982) e



sua tese *There Ain't no Black* (1987) analisam como essa reordenação dos discursos raciais no Reino Unido atravessa discussões sobre crime, educação, habitação, legislação, cidadania e o próprio passado nacional, uma vez que se procura negar o pertencimento dos imigrantes pós-coloniais através do esquecimento seletivo da memória do Império.

O discurso “Rios de Sangue”, proferido em 1968 por Enoch Powell, líder do partido conservador na época, representou uma quebra na epistemologia contemporânea do racismo britânico. Para Gilroy, as palavras de Powell em torno do perigo da importação da “questão de cor” pelos/as colonos/as caribenhos ecoaram durante todo o período da Guerra-Fria. Este episódio significou uma mudança na retórica racial sobre a imigração: do problema quantitativo sobre os/as imigrantes e os problemas do crescimento demográfico, passa-se à ênfase na incompatibilidade das culturas negras com o modo de vida britânico e na ameaça que elas representariam às instituições nacionais, principalmente a lei: “legality is the pre-eminent symbol of national culture and it is the capacity of black settlement to transform it which alarms Powell rather than the criminal acts which the blacks commit” (GILROY, 1987, p.87). As vitórias do novo racismo prefigurado pelo powellismo envolvem a reestruturação do Estado em formas políticas autoritárias de vigilância e controle da população negra em zonas específicas de Londres, principalmente pela atuação da polícia nas periferias e bairros negros e de campanhas nacionais contra a criminalidade focalizada nos “crimes negros”, entre os quais se destacam os furtos e assaltos, chamados de “crimes de rua”. As figuras do assaltante, das culturas jovens negras, como o rastafári, e dos manifestantes antirracistas são criminalizadas, ditas como exemplos da pré-disposição de negros/as para cometer crimes, e utilizadas para negar o pertencimento, a cidadania e o caráter de humanidade aos/às imigrantes e seus/suas descendentes.

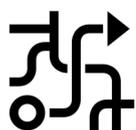
Este contexto racial do Reino Unido nos anos do pós-guerra explicita em que condições se desenvolvem as críticas à nação e ao nacionalismo presente em grande parte da bibliografia pós-colonial, uma vez que estes discursos frequentemente apagaram a presença dos povos colonizados/as como partes da vida nacional, ainda que sob o julgo colonial, de modo que as imigrações são facilmente entendidas como “invasões”. Neste sentido, Gilroy critica movimentos antirracistas que comparam o partido fascista *British National Front* com o nazismo alemão como prova de sua falta de britanidade, reduzindo o racismo a um produto do fascismo e negando que a raça seja um problema interno (1987, p. 131-132). Comentários como estes também são estendidos a intelectuais cânones dos Estudos Culturais e da esquerda britânica. Por exemplo, E. P. Thompson e Eric Hobsbawm são citados por lamentarem a falta de patriotismo na esquerda após a Guerra das Malvinas. O



principal problema do nacionalismo para estes intelectuais era apenas sua monopolização pela direita, e não seu caráter exclusivo e seus esquecimentos seletivos. Segundo Gilroy, essa disputa envolvia duas imagens anacrônicas: de um lado, a nação como uma formação homogênea e coesa, na qual um campo cultural consensual fornece o contexto para lutas por hegemonia; de outro, permanece a ideia de que o Reino Unido continuava sendo a principal potência mundial (Ibid., 52-53). Esse patriotismo carregou consigo a sugestão de que ninguém vive fora de uma comunidade nacional, o que só é compreensível a partir do apagamento da escravidão e do imperialismo do centro de suas imaginações históricas – aquilo que Gilroy chamou de “ideologia do inglês nascido livre (2012, p. 56)”. As análises marxistas neste período tomavam a nação como foco principal e um receptáculo estável para as lutas de classe. Visto isso, as estratégias explicativas de Gilroy se contrapõem tanto ao reducionismo econômico presente nesta bibliografia, que analisa e critica em *There Ain't no Black* (1987), quanto às limitações da perspectiva nacional, responsável por articular concepções binárias de “dentro” e “fora”, “local” e “global”. Sua crítica aos cânones dos Estudos Culturais é melhor compreendida por conta de suas figurações históricas nacionalistas estarem em conformidade com o absolutismo étnico.

## O CONCEITO DE DIÁSPORA

A partir de *Small Acts* (1993) e *The Black Atlantic* (2012 [1993]), Paul Gilroy passa a adotar uma orientação intervencionista na esfera pública, na vida acadêmica e na política negra. Estes textos carregam consigo propostas heurísticas relacionadas a questões formais, que visam disponibilizar figurações históricas preocupadas com o agenciamento e a validade epistemológica das culturas da diáspora. Outro fundamento que destaco neles é o crescente interesse de Gilroy pelas heranças culturais populares. Elas tornam-se a maior parte dos recursos que ele utiliza para fugir das armadilhas do absolutismo étnico. Sua conferência na *National Curriculum for History*, realizada na Ruskin College de Oxford, em 1990, serve como um exemplo interessante por onde pode-se exemplificar as características que destaquei acima e a alternativa imaginativa resultante da história das lutas negras no Reino Unido. Nessa ocasião em questão, Paul Gilroy discursou para uma plateia de historiadores/as e cientistas sociais sobre como compreendia as ambiguidades entre nacionalismo e racismo presentes na historiografia e no ensino de história. Sua fala procurou sintetizar seus argumentos sobre a racialização da identidade nacional britânica



e sua relação com o absolutismo étnico. Ela provocou seu público após denunciar a aliança da história com a dominação racial por transmitir uma ideia de cultura nacional autêntica e homogênea – a história, por isso, é compreendida principalmente por sua propriedade pedagógica e por seu papel na relação que uma comunidade mantém com seu passado em seu trabalho de autoconstituição. A alternativa que Gilroy disponibiliza inclui sua própria inscrição em uma imagem do passado que signifique um tipo de liberdade existencialista a partir da superação de oposições binárias entre estar dentro ou fora da comunidade nacional: “i make no apology for the fact that this shift in my own thinking arises from a desire to be recognized as being both black and English in addition to everything else that I am” (GILROY, 1993, p. 68). Essa fala termina sugerindo aos/as historiadores/as presentes exercícios imaginativos mais criativos que pudessem substituir a ideia de nação por propostas que indicassem mais variedades e movimentos. Seu principal exemplo, a diáspora, envolve questões afetivas, uma vez que ele fez parte de uma geração que precisou resolver para si mesmo a questão de ser negro e inglês, duas identidades dadas como incompatíveis, e colocar à frente formas de recuperar o próprio orgulho e lutar contra o racismo institucionalizado.

De acordo com Hall, o conceito de diáspora diz respeito à presença da África na constituição histórica das identidades negras pela promessa de redenção que ela significa. Deste modo, a história “é representada como teleológica e redentora: circula de volta à restauração de seu momento originário, cura toda ruptura, repara cada fenda através desse retorno” (HALL, 2013, p. 31-32). Essa concepção pode deslizar ao essencialismo, uma vez que “possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta” (Ibid., 32). Através de uma proposta dialógica, Hall entende a identidade como um conjunto de rotas, aberta às contigências, uma pluralidade-singular. Após o fluxo migratório que tomou conta do Reino Unido no período do pós-guerra, as culturas caribenhas passaram a fazer parte da vida pública britânica. O rastafarismo e o etiopismo são exemplos do que Hall e Gilroy consideram como culturas diaspóricas. Ambas reinventaram a África a partir do desejo de retorno e dedicaram-se a uma leitura subversiva da bíblia: como Hall diz, a Babilônia, uma metáfora para a continuidade do sofrimento após o fim da escravidão, não era no Egito, mas sim em Kingston, posteriormente estendida à polícia e aos bairros londrinos de Brixton, Handsworth, Moss Side e Notting Hill (Ibid., 47-48). Ainda que racializadas, criminalizadas e perseguidas nas ruas de Londres, essas culturas auxiliaram as gerações de afro-britânicos/as nos anos 70 a resistirem ao racismo.



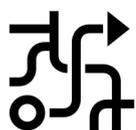
Gilroy valoriza estas culturas populares – ou como gosta de chamá-las, “culturas vernáculas” – como algo mais do que subculturas jovens. Segundo Dale Tomich, ao conceituá-las como “contraculturas da modernidade”, ele procura resolver uma oposição eurocêntrica entre tradição e modernidade “que atribui história, progresso, razão e racionalidade ao Ocidente, enquanto atribui aos africanos e aos seus descendentes no Atlântico Negro a eterna alteridade” (1996, p. 255). Por essas oposições, a história da escravidão e dos racismos são excluídas das questões pertinentes à modernidade filosófica. Paul Gilroy propõe uma perspectiva diaspórica em que a tradição opera como uma resposta ativa à modernidade. Exemplo disto é como ele considera o rastafarismo como algo mais que um movimento religioso, principalmente pelo modo como estrutura uma comunidade linguística na qual empreende uma luta ideológica contra o racismo.

The philosophical contours of their view of the world are determined by a realism – ‘burning all illusions’ – and an anthropocentric materialism which not only identifies the present state of oppression as a cohesive human creation – *Babylon system* – but simultaneously acknowledge the potential power of working people to transform it. (CENTRE, 2005, p. 292)

O movimento rastafári e o reggae são os primeiros exemplos da cultura negra predileta de Gilroy: a música. Ela é o registro das experiências históricas negras marginais no Ocidente mais presentes em sua obra e que fornecem alternativas de historicização do passado e do presente. Pela música, Gilroy sugere que a história da diáspora requer uma expansão do conceito de arquivo, uma vez que o texto não pode monopolizar as significações dos passados de pessoas que foram excluídas do mundo da linguagem como “povos sem história”. Uma passagem biográfica em *The Black Atlantic* demonstra a importância política, ontológica e intelectual da música nesta história:

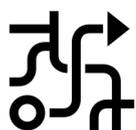
Quando eu era criança e adolescente, sendo criado em Londres, a música negra me fornecia um meio de ganhar proximidade com as fontes de sentimento a partir das quais nossas concepções locais de negritude eram montadas. O Caribe, a África, a América Latina e sobretudo a América negra contribuíram para nosso sentido vivo de eu racial. O contexto urbano no qual essas formas eram encontradas cimentavam seu apelo estilístico e facilitavam seu estímulo à nossa identificação. Eram importantes também como fonte para os discursos da negritude com os quais balizávamos nossas lutas e experiências. (GILROY, 2012, p. 220)

A música é constantemente encontrada na obra de Gilroy em meio a uma discussão entre perspectivas essencialistas e pluralistas sobre a cultura negra. O pluralismo concebe a negritude como um significante aberto que compreende a comunidade internamente subtraída por linhas de classe, sexualidade, gênero, idade e consciência política. Gilroy



rejeita o pluralismo por sua recusa em assumir unidades, mesmo que estas não sejam homogêneas, além de facilitar uma dissolução das experiências históricas particulares aos/as negros/as. Em meio a este debate, sua posição “anti-anti-essencialistas” visa enfrentar o que chama de monopolização estética das culturas negras no Ocidente por uma ascendente classe-média negra afro-americana composta por comentadores/as culturais profissionais, artistas, escritores/as, pintores/as, diretores/as de cinema, políticos/as, entre outros/as ocupações. De acordo com Gilroy, estes grupos fabricaram para si uma perspectiva política populista como expressão de suas próprias posições contraditórias de classe. Em suas políticas culturais, o negro volta a figurar como um grupo homogêneo, consensual, com interesses nacionais, permitindo silenciar vozes dissidentes e censurar divergências internas (GILROY, 1993, p.124). Gilroy observa que as identidades negras fomentadas pela afirmação de uma comunidade racial homogênea repetem padrões patriarcais de gênero que envolvem o controle do corpo das mulheres negras no seio da vida familiar, que seria responsável pela reprodução das identidades raciais puras. Tomando esta perspectiva interseccional, Gilroy afirma que “o gênero é a modalidade na qual a raça é vivida” (2012, p. 179).

Como solução deste embate, Gilroy toma as culturas negras por uma abordagem dialógica, formadas a partir das relações antagônicas entre negros/as e brancos/as. Elas expressam uma unidade aberta, um “mesmo mutável” informado pela reivindicação de uma perspectiva “anti-anti-essencialista”. Em última instância, o papel da música nas figurações históricas da diáspora situa o Reino Unido, principalmente Londres, como um ponto de confluência das redes globais do Atlântico negro. Por isso, Gilroy frequentemente afirma que o passado histórico da diáspora apenas em parte pertencem aos/as negros/as. Essa história é narrativizada com foco nas comunicações entre grupos étnicos, procurando não apenas apontar as racializações, as hierarquias e as opressões, partes incontornáveis, mas também positivar estes encontros ressaltando que muitas vezes foram responsáveis por construir alianças na superação da barreira da cor. Esse é o caso do movimento musical *Rock Against Racism (RAR)* em 1976, criado após declarações de apoio de Eric Clapton a Enoch Powell e de simpatia de David Bowie por lideranças fascistas, titulando Hitler como o “primeiro superstar”. O evento conseguiu reunir brancos/as e negros/as em shows e falas públicas em uma luta comum. Para Gilroy, o *RAR* radicalizou sua crítica ao racismo desassociando sua definição das ações neofascistas e reorientando-a para o Estado e seus “braços”, como os tribunais, a polícia e as autoridades da imigração, em uma visão ao mesmo tempo estrutural e contingente.

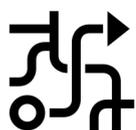


A música ocupa, na interpretação de Gilroy, um espaço de registro, recuperação, expressão e crítica pelo qual disputa-se uma historicidade autônoma à comunidade negra. Para ele, é crucial não apenas novas categorias com as quais se possa abordar o passado histórico dos/as descendentes de africanos/as, mas uma revisão através da perspectiva diaspórica em nossas bases epistemológicas e pressupostos disciplinares. A exposição das limitações do marxismo é didática neste sentido. Para Gilroy, as culturas expressivas da diáspora são responsáveis por formas de meta-comunicação que desafiam o vocabulário marxista, concentrando-se na disputa de uma liberdade que é mediada por posições internas de gênero. A crítica anticapitalista observada nelas é informada pela memória da escravidão, de modo que o signo do trabalho é sempre compreendido como não mais que servidão. A ênfase no sexo e outras práticas recreativas hedonistas respondem à disciplina do trabalho com o objetivo de carnavalizar seus resíduos. Gilroy destaca essas características como críticas ao produtivismo capitalista. Mais outros dois pontos surgem pela presença da *plantation* nestas imaginações criativas: a crítica ao Estado e à lei como formas de dominação e o papel crucial da história, do processo histórico e da recuperação do passado. A importância da história não está presente apenas na música, mas também em outros exemplos de cultura artística, como é o caso dos/as romancistas negros/as. Isto se deve ao fato destes sujeitos reconhecerem que a negação da historicidade negra é um princípio pelo qual a escravidão e o racismo operaram: “the recovery of historical knowledge is felt to be particularly important for blacks because the nature of their oppression is such that they have been denied any historical being” (GILROY, 1987, p.207).

Os modelos temporais alternativos da diáspora costumam operar disjuntivamente recusando o tempo do produtivismo – o tempo noturno, o tempo do prazer e do lazer, é o tempo certo:

However, more significant than the rejection of capitalism’s legal system is the critique of the economy of time and space which is identified with the world of work and wages from which blacks are excluded and from which they, as a result, announce and celebrate their exclusion. In these patterns of corruption, the night times is the right time. (Ibid., 210)

A música negra significa o passado histórico a partir desses tempos disjuntivos dentro de uma estrutura antifônica, interrompida por gritos e grunhidos que demonstram uma luta subterrânea para estabelecer a comunicação para além das palavras (Ibid., 212). Segundo Gilroy, estas interrupções cumprem uma função mnemônica: “dirigir a consciência do grupo de volta a pontos nodais importantes em sua história comum e sua memória social” (2012, p. 370). Esse conceito de história não apenas se pauta por um papel

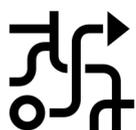


terapêutico de fazer o passado suportável no presente, mas também estabelece algumas transgressões por elementos “africanos”, como uma disputa para manter a unidade entre ética e política, divididas pela concepção eurocêntrica de que a verdade, o bem e o belo possuem origens diferentes e pertencem a domínios distintos do conhecimento (GILROY, 1993, p. 136); por outro lado, a centralidade da espiritualidade sustenta a separação entre liberdades formais e a emancipação humana (GILROY, 1987, p. 227). Por fim, essa história é utópica e se orienta ao futuro, de onde afora os auspícios em que Gilroy projeta o fim da raça.

## DISPUTA EM TORNO DO VISÍVEL

Paul Gilroy compreende a escrita da história por seu viés figurativo-performativo, utilizando o passado para confrontar as prefigurações da narrativa histórica postas pelo absolutismo étnico. Deste modo, um conceito de história antirracista não significa apenas a recuperação da experiência dos/as africanos/as escravizados/as e de seus descendentes, uma vez que a violência epistemológica do racismo não pode ser resolvida apenas com um trabalho empírico exaustivo. Gilroy sugere reinscrever a agência histórica destes sujeitos nas macro-narrativas dos Estados-nação e da modernidade, pensando em disputar a prefiguração da comunidade política e descredenciar verdades raciais. Este trabalho deve atentar para os modos como o racismo age no presente e como ele afeta a cultura histórica, sempre com suas particularidades temporais e locais. Gilroy adverte que é necessária uma revisão crítica de pressupostos epistêmicos da historiografia, particularmente sobre conceitos de tempo, espaço, arquivo e agência. Como um último exemplo de seu modelo de trabalho historiográfico, apresento nestas linhas finais a escrita antirracista da história em um livro dito como marginal em sua obra: *Black Britain: a Photographic History* (2011), que conta a história da presença negra no Reino Unido a partir de fotografias. Esse trabalho singular em sua biografia, idealizado juntamente com Stuart Hall, que escreve seu prefácio, serve para destacar que as figurações-performativas da narrativa da diáspora disputam ativamente o campo do visível - as produções imagéticas da raça - procurando confrontar estereótipos racistas.

Em *Black Britain* (2011), Gilroy busca refigurar a narrativa da formação da comunidade negra britânica através de uma tensão entre texto e imagens. Sua perspectiva diaspórica é presente como movimentação e utopia: fazer circular as imagens da raça até se alcançar sua contingência. Na única vez que Hayden White falou sobre as imagens, destacou



que mesmo o registro imagético passa por processos de pré-figuração e as narrativas imagéticas passam por adequações nas formas exigidas em um tempo e lugar (WHITE, 2010). Sendo assim, elas não podem dizer algo mais “verdadeiro” sobre o passado. *Black Britain* é idealizado como um *coffee table book* – um livro projetado para ser manuseado em espaços coletivos. Na narrativa, Gilroy assume o posicionamento de um “contador de histórias”, desenvolvendo temas e teses abordadas e trabalhadas em investigações anteriores. Malini Guha destaca dois pontos especiais neste trabalho: de um lado, o uso da justaposição de imagens contrastantes como forma de ilustrar complexidades, em termos de relações de poder, aliança e antagonismos, que fizeram parte da formação das comunidades negras no Reino Unido; de outro, a extensão do conceito de arquivo, que vai desde grandes eventos até banalidades da vida cotidiana (GUHA, 2010).

As fotografias que compõem o relato de *Black Britain* (2011) são parte de fontes variadas, como ilustrações de revistas e jornais. Elas fazem parte dos arquivos da *Getty Images*. Nada mais é dito sobre esse arquivo – que outras possibilidades existiriam ali? A ausência de demonstrações da pesquisa e do diálogo entre os/as pares afasta Gilroy de um sentido científico de história. A narrativa, no entanto, não se torna menos analítica. Seu objetivo explicativo é mostrar como ao longo de uma pequena história, a partir dos anos do pós-guerra, o Reino Unido produziu regimes de visibilidade da raça envolvendo um senso antagônico entre a *blackness* e a britanidade. Nesse sentido, Gilroy incorpora o caráter figurativo-performativo da escrita da história como modo de afirmar a possibilidade de ser negro e britânico. Ele se propõe as questões: quem e o que deve ser incluído no retrato oficial do Reino Unido sobre si mesmo? O que deve ser entendido como uma história autenticamente britânica?

A pré-figuração do passado pela diáspora introduz o movimento no lugar da inércia. Ranu Samantrai observou que a paisagem urbana é presente em quase todas as imagens mostradas em *Black Britain* (2011). Para Samantrai (2014), a estética urbana e a poética da mobilidade fazem parte da teoria pós-colonial, utilizadas tanto por Hall quanto por Gilroy. Para ela, Paul Gilroy segue a metáfora de Marshall Berman: a cena do encontro trágico nas ruas significa o nascimento da modernidade, da experiência da liberdade, não somente para a burguesia, mas também ao proletariado, iniciando a luta das classes (SAMANTRAI, 2014, p. 147-148). As fotografias dos conflitos raciais, da destruição das ruas e dos enfrentamentos, sustentam o argumento de que a raça é uma formação moderna que situa lado a lado terror e razão (ver Figura 1).



***Figura 1 - race riots em Notting Hill, 1976***

***Fonte: Black Britain: A Photographic History***

A narrativa de Gilroy começa antes da chegada do *Empire Windrush*, navio que traz a primeira geração de imigrantes caribenhos para o Reino Unido em 1948. As primeiras fotografias mostram como o Império britânico situava-se em uma rede cosmopolita que desde já apresentava grupos de pessoas não-brancas vivendo na metrópole e fazendo parte dos eventos mais celebrados da memória britânica. Essas imagens dirigem-se contra o argumento de que os problemas raciais começaram com a imigração. Como diz Stuart Hall no prefácio que escreve para o livro, a migração caribenha não foi o começo de nada (GILROY, 2011, p. 7), apenas, nas palavras de Gilroy, uma parte de uma história obstinadamente ocultada (Ibid., p. 77). *Black Britain* é organizado cronologicamente, de década em década, até a situação dos/as negros/as no presente. A narrativa é direcionada

como um diálogo com a memória do/a leitor/a, o que Gilroy chama de um conceito de “história aberta” (Ibid., p. 22).



*Figura 2 - Empire Windrush nas docas de Tilbury em 1948*

*Fonte: Black Britain: A Photographic History*

W. J. T. Mitchell (2015) comparou a situação das imagens a dos grupos subalternizados: elas são marcadas pela sua impotência, pela falta. Nesta abordagem, Mitchell situa uma dialética entre poder e desejo. Sugere questionar: o que querem as imagens? O que falta a elas? Em diversas interrupções que Gilroy realiza em sua narrativa mais ou menos contínua, é possível enxergar estas questões. O que falta nessas fotografias é justamente o ponto cego do poder: o corpo. Trazido à existência pela interpelação da injúria racial, as imagens gostariam de fixar a pele como do estereótipo racial e fonte da certeza da diferença. Gilroy diz que a chegada da geração *Windrush* foi largamente documentada, e analisa que essas fotografias desejavam destacar aquele evento como um começo de algo diferente, o que relacionaria politicamente raça e imigração nos anos subsequentes (ver Figura 2).

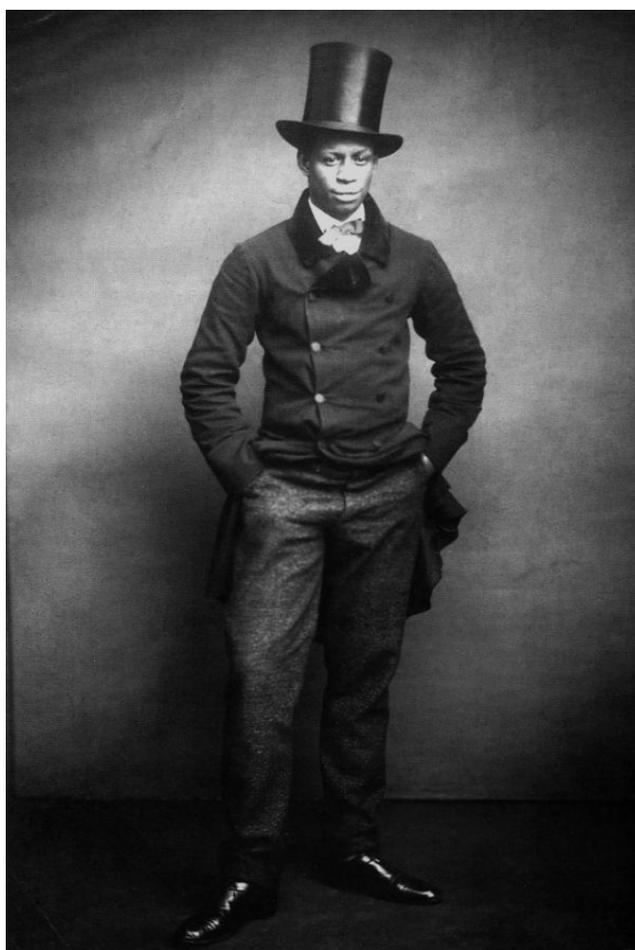
The photographers' intentions were consistent. This event was to be understood as the start of something big, significant and fraught with danger. More often than not, that epochal first contact was discovered already to be underway in the streets where the dynamics of this invasion and the coerced interdependence that resulted from it were to be painfully negotiated. (GILROY, 2011, p. 71-77)

De acordo com Gilroy, ao longo dos anos 50 e 60, as imagens buscaram retratar os imigrantes como seres “alienígenas”, culturas estrangeiras que não seriam compatíveis com a tradição do Reino Unido. Nas décadas de 70 e 80, após as medidas de controle de imigração, as interpelações racistas tentavam associar negros/as à criminalidade como uma negativa aos seus pertencimentos à vida cultural britânica (Ibid., 159). Por essa abordagem a respeito da construção da visibilidade da raça, Gilroy apresenta o racismo como um dado histórico, contingente, parte exclusiva de uma dada época e das definições políticas que o estereótipo racial recebe em sua tentativa de fixar a pele como seu significante.

Seguindo a tradição pós-colonial, Gilroy introduz um sentido de agência por sua narrativa. Os/as negros/as movimentam-se, reinventam-se e negam o desejo colonializador sobre seus corpos. Ao longo das dificuldades vividas pelos/as negros/as nos anos 70 e das soluções criativas da diáspora para reagir às opressões, as imagens também se transformam. As fotografias sobre as multidões, os tumultos e as destruições de rua durante os “conflitos raciais” predominam neste momento. A cultura aberta desta geração, que descobriu na diáspora uma compreensão mais valiosa sobre si mesmo, incentivou convivências para além das linhas de cor. A agência histórica figurada em *Black Britain* (2011) relaciona-se também com resistências e negociações aos regimes de visibilidade da raça. Diante das câmeras, os/as negros/as se movimentam, posam, sorriem. Ao abordar a foto de

um rapaz negro anônimo de 1890, por exemplo, Gilroy destaca sua pose como uma forma de tentar controlar sua própria imagem: “perhaps, the cool pose he has struck helps him to feel able to controle the terms on which he is to become visible” (Ibid., p. 31) (ver Figura 3).

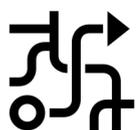
As últimas páginas dessa narrativa imagética abordam mudanças na ordem racial e consequentemente mudanças no arquivo imagético ao longo dos anos 90 e começo do século XXI. As transformações começam com o assassinato do jovem negro Stephen Lawrence em uma parada de ônibus no sudeste de Londres em 1993. Pela repercussão do caso, diz Gilroy, os padrões raciais que relacionavam a lei, o crime e a imigração como formas de negar a relação entre negritude e britanidade, expressados a partir do difícil relacionamento entre a polícia e os bairros negros, alteraram-se de tal maneira que os/as descendentes dos/as imigrantes passaram a ser aceitos/as como parte dos retratos da nação.



***Figura 3 - Jovem vestindo um terno formal em meados de 1890***

***Fonte: Black Britain: A Photographic History***

As fotografias nesse momento abandonam a vida cotidiana e as representações das culturas negras como algo inesperado e migram para os corpos solitários de celebridades,



como artistas, musicistas, além de atletas negros/as. O isolamento destes personagens, em contraste às imagens das multidões negras anteriores, sugere, segundo Gilroy, um convite para que essas pessoas abandonem suas particularidades culturais e étnicas para que sejam aceitas na comunidade nacional. Estas imagens demonstram uma reorientação do racismo britânico da antiga memória da imigração para as ideias de “choque de civilizações” que marcam as guerras neocoloniais, com uma especial atenção à xenofobia contra os/as mulçumanos/as. Por outro lado, este momento também é caracterizado pelo declínio das culturas diaspóricas entre a juventude negra, como o rastafarismo, em favor de uma cultura genérica negra controlada por uma classe burguesa afro-americana. Para Gilroy, atualmente o *hip-hop* compõe a trilha sonora das novas relações imperiais, além de ser parte integral na operação comercial que seduz jovens para a maquinaria das forças armadas norte-americanas. Ele adverte que é preciso reconhecer a distância entre os/as negros/as bretões e os/as produtores/as da afro-americanização. Gilroy apresenta a narrativa histórica de *Black Britain* (2011) como uma resposta a este presente: “that choice affiliates black life here with a vital culture that cannot be conceived as a dead piece of property to be monopolised by any particular group of owners” (Ibid., p. 306). É pensando em intervir neste presente e disputar a eleição de um futuro que Gilroy escreve a história, concebendo-a desde baixo, dos modelos figurativos que as culturas negras fornecem e que extrapolam as limitações do registro escrito e circunscrito à nação e ao seu tempo vazio e homogêneo.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

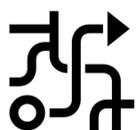
ÁVILA, Arthur. Indisciplinando a historiografia: do passado histórico ao passado prático, da crítica à crise. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 35-49, 2018a.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiro, 2017.

CENTRE for Contemporary Cultural Studies. *The Empire Strikes Back: race and racism in 70s Britain*. Londres: Routledge, 2005 [1982].

CERTEAU, Michel De. *A escrita da História*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHAKRABARTY, Dipesh. *Al Margen de Europa: pensamiento poscolonial y diferencia histórica*. Barcelona: Tusquets Editores, 2008.



- DOS SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão; NICODEMO, Thiago Lima; PEREIRA, Matheus Henrique de Faria. Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: eurocentrismo em questão. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 30, n. 60, p. 161-186, 2017.
- DWORKIN, Dennis. Paul Gilroy and the Pitfalls of British Identity. In: FISCHER, Rebecka Rutledge; GARCIA, Jay. *Retrieving The Human: reading Paul Gilroy*. New York: Suny Press, 2014, p. 31-52.
- FABIAN, Johannes. O Tempo e a escrita sobre o Outro. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). *Deslocalizar a "Europa": antropologia, artes, Literatura e História na Pós-colonialidade*. Lisboa: Edições Cotovia, 2005, p. 63-100.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FRYER, Peter. *Staying Power: the history of black people in Britain*. London: Pluto Press, 2010 [1984].
- GILROY, Paul. *Black Britain: A Photographic History*. London: Saqi, 2011.
- \_\_\_\_\_. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012 [1993].
- \_\_\_\_\_. *Small Acts: Thoughts on the politic of black culture*. London: Serpent's Tail, 1993.
- \_\_\_\_\_. *There Ain't No Black in the 'Union Jack': the cultural politic of race and nation*. London: Hutchinson, 1987.
- GUHA, Malini. Black Britain: A Photographic History by Paul Gilroy; The Ghosts of Songs: The Film Art of Black Audio Film Collective, edited by Kodwo Eshun and Anjalika Sagar; Exiles, Diasporas and Strangers, edited by Kobena Mercer, *Visual Culture in Britain*, London, vol. 11, n. 1, p.129-134, 2010.
- GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, vol. 11, n. 1, p. 31-47, 2005.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- LA GRECA, Maria Inês. *Historia, figuración y performatividade: crítica y persistencia de la narración en la Nueva Filosofía de la Historia*. Tese (Doutorado em Historia) - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2013, 313p.
- MITCHELL, W. J. T. O que as imagens realmente querem? In: ALLOA, Emmanuel (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p.165-189.
- MUDROVIC, Maria Inês. La nación, el tiempo histórico y la modernidad: la historia como síntoma. *Revista de la Facultad de Filosofía, Ciencias de la Educación y Humanidades de la Universidad de Morón*, Buenos Aires, vol. 17, p. 25-38, 2012.
- PEREIRA, Ana Carolina Barbosa. Precisamos falar sobre o *lugar epistêmico* na Teoria da História. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 88-114, 2018.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade del poder y clasificación social. *Journal of World-Systems Research*, Pittsburgh, v. 6, n. 2, p. 342-386, 2000.



\_\_\_\_\_. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p.117-142.

RUFER, Mario. La temporalidad como política: nación, formas de pasado y perspectivas poscoloniales. *Memoria y Sociedad*, Bogotá, vol. 14, n. 28, p. 11-31, 2010.

SAMANTRAI, Ranu. Sedentary and Mobile Poetics. Paul Gilroy and the Aesthetic of Postcolonial Theory. In: FISCHER, Rebecka Rutledge; GARCIA, Jay. *Retrieving The Human: reading Paul Gilroy*. New York: Suny Press, 2014, p. 131-159.

SETH, Sanjay. Back to the future? *Third World Quarterly*, London, vol. 23, no. 3, p. 565-575, 2002.

TOMICH, Dale. Resenha “O Atlântico negro” e “Small Acts”. *Afro-ásia*, Salvador, n. 17, p.252-259, 1996.

TRAPP, Rafael Petry. História, raça e sociedade: notas sobre a descolonização e historiografia brasileira. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, vol. 22, n. 02, p. 52-77, 2019.

WILLIAMS, Paul. *Paul Gilroy*. London; New York: Routledge, 2013.

WHITE, Hayden. Historiografía e historiofotía. In:\_\_\_\_\_. *Ficción histórica, historia ficcional y realidad histórica*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010, p. 217-227.

\_\_\_\_\_. *Meta-história: A Imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: Editora da USP, 1995.

Recebido em: 27/04/2020

Aprovado em: 13/06/2020